A Semana de Lisboa

Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

N.º 37 | Domingo 10 de setembro | 1893

A sr.ª Condessa de Mossamedes

Se a boa philosophia reputa felizes os povos que não teem historia, não menos ditosas deve considerar as senhoras que não teem biographia, e cuja vida, pura e serena, deslisa placidamente, entre os affectos suaves da familia, as praticas austeras do bem, e os intimos encantos d'uma numerosa descendencia, que, seguindo os seus exemplos e escutando as suas lições, reverdece a todos os momentos as antigas alegrias e faz a cada instante reviver os passados tempos. A existencia assim deve ser uma coisa admiravelmente boa e cariciosa, feita de tudo o que o coração e a consciencia pódem ter de reconfortante e de tranquillisador. E quando a mão gelida da morte cerrar para sempre os labios d'estas mulheres felizes, que souberam contentar-se em ser apenas mulheres, isto é, filhas, esposas e mães, a sua alma deve desprender-se meigamente do mundo, de que ellas não viram senão o lado bom e sympathico, e ao qual ellas legam, n'um doce prolongamento da propria existencia, os vivos exemplares das suas virtudes.

Á sr.ª Condessa de Mossamedes está reservado este destino incomparavelmente digno e invejavel. Nascida em berço fidalgo, occupando sempre na sociedade um logar de primeira grandeza, a que lhe dava direito, tanto como a sua ascendencia, a superior distincção do seu porte e das suas maneiras, brilhando entre as damas da côrte pela elegancia patricia da sua figura e pelo encanto senhoril do seu trato, o seu constante attractivo e a sua principal occupação foram sempre a vida de familia, o lar chilreante e alegre, em que um bando de creancinhas reproduziam as graças e os encantos, que fizeram de sua mãe uma das mais nobres e formosas senhoras da aristocracia portugueza.

Assim, as datas que esmaltam a sua biographia ficaram gravadas recatadamente nos pequeninos corações, que a estremecem, e que de perto conheceram os seus feitos, praticados longe do bulicio do mundo e das suas pompas e glorias facticias. Quem quizesse narrar o curso da sua existencia remansada e virtuosa, teria de reviver os mil cuidados, as infinitas preoccupações carinhosas, que enchem completamente a vida d'uma mulher, que sabe ser boa e sensivel, sem sahir dos limites, apparentemente tão estreitos e no fundo tão consoladoramente dilatados, em que se enraizam, desabrocham e florescem, os affectos e os sentimentos essenciaes da alma humana. Seria um quadro edificante, mas seria talvez tambem uma especie de profanação... E, sem duvida, reclamaria uma penna subtil e delicada, affeita a tratar estes assumptos, e não, infelizmente, apenas exercitada nas pugnas ingratas e estereis em que se degladiam ruidosamente tão mesquinhos interesses e ambições tão illusorias...

Filha dos Condes de Sobral, a sr.ª Condessa de Mossamedes casou, ainda muito moça, com um dos filhos dos Condes da Lapa. Foi um casamento de inclinação, em que o amor consorciou a mocidade mais resplendente e mais gentil. Era então a noiva, segundo referem todos os contemporaneos, uma das mais bellas senhoras da alta sociedade de Lisboa; e quando,

ao lado do esposo, galopava, na estrada da Luz, onde viviam, montada n'um soberbo cavallo, a sua figura esbelta, d'uma grande distincção e pureza de linhas, destacava com uma elegancia verdadeiramente superior.

Depois, durante bastantes annos, a sr.ª Condessa de Mossamedes só raramente apparecia na sociedade. Passava a vida, na sua magnifica residencia da Luz, inteiramente consagrada á educação das suas filhas. Apenas uma vez, ha sete ou oito annos, se abriram as salas da Luz, para uma festa. Foi ainda uma festa de familia, foi o primeiro dos casamentos de suas filhas, o da gentilissima esposa do talentoso professor Antonio da Costa Lima. Era n'uma deliciosa tarde de verão, e as janellas, abertas para os terraços e jardins, enchiam as salas de aromas e de frescura. A phisionomia da sr.ª Condessa de Mossamedes, presidindo a todos os episodios d'aquella festa em que o seu coração de mãe tanto se interessava, revelava um mixto de alvoroçada alegria e de indizivel saudade, que não esquecemos nunca. Sentia-se bem que, para ella, aquella festa não era apenas uma cerimonia apparatosa, feita segundo todo o ritual das exigencias mundanas. No seu animo, o sentimento tinha um logar superior a todas as convenções, e dominava-a por completo; e em todos os seus actos, em todos os pormenores da festa, esse sentimento se denunciava, por fórma edificante e commovedora. Não sei se definimos bem a impressão que nos ficou d'esse dia; sei que ella foi bem diversa da que nos deixaram algumas cerimonias analogas, banalmente brilhantes, que temos presenciado.

Ha alguns annos foi a sr.ª Condessa de Mossamedes nomeada dama-camarista de S. M. a Rainha a Senhora D. Maria Pia, e começámos então todos a ver, ao lado da figura esculptural da soberana, a elegancia severa e correcta da sr.ª Condessa de Mossamedes, com os cabellos precocemente enbranquecidos, emmoldurando, em ondulações argenteas, o seu semblante attrahente, illuminado por um olhar, a que uma nobre altivez, temperada por uma certa doçura bondosa, dá um encanto especial.

Nunca a sua linha de fidalga distincção se desmancha ou contradiz; é egual para todos e sempre, com uma certa reserva que não exclue a amabilidade e a gentileza, mas que affasta as familiaridades importunas. Nunca o seu nome se encontra mesclado a qualquer intriga de côrte ou a qualquer *racontar* mundano; fóra do seu serviço no paço, ou de uma ou outra festa a que vae por acompanhar suas filhas, a sua existencia decorre n'um circulo de intimidade muito restricta, a que não chegam os eccos da maledicencia, que não raro se enrosca nas mais puras e respeitaveis reputações. Assim, a sr.ª Condessa de Mossamedes vive na alta sociedade lisbonense rodeada dos respeitos de todos, e o seu maior elogio póde talvez fazer-se, dizendo que não tem uma inimiga.

CARLOS LOBO D'AVILA.

No proximo numero, medalhão do Dr. Sabino Coelho. Artigo de Eduardo Burnay.

POLITICA SEM POLITICA

Na cidade do Porto, ha poucos dias, dois insignes sacerdotes, um que é o mais notavel orador sagrado e professor do Seminario, outro que é prégador régio e antigo deputado ás côrtes, trocaram, por meio de um periodico, diversas cartas em que se aggrediam reciprocamente, em estylo quinhentista e bombastico, declarando o primeiro que o segundo era calumniador quando o denunciava como ladrão de um relogio de ouro, roubado ao reverendo abbade de Campanhã.

Em Lisboa, pouco tempo depois, dois empregados superiores do correio trocavam entre si diversas epistolas, censurando-se um ao outro pelo desleixo dos respectivos serviços.

Ultimamente, e em resultado de uma syndicancia ordenada pelo sr. ministro das obras publicas, um outro empregado superior do correio é preso, levado ao commissariado geral de policia, inquirido sobre o desfalque de algumas dezenas de contos de réis, e é, finalmente, mettido incommunicavel n'um calabouço do governo civil!

*

Um lisboeta, a quem uma vez um portuense mostrava o rio Douro, fazendo notar a belleza das suas margens, respondeu desdenhosamente:

—Para rio de provincia, já não é mao!

Ora, attendendo nós a que este paiz occupa uma pequena parte da peninsula, e conta apenas cinco milhões de habitantes, tres escandalos d'esta ordem, no curto espaço de uma semana, é caso para dizer como o outro:

—Vamos lá que para nação pequena, já não são máos!

Interino.

CHRONICA ELEGANTE

Decididamente, a praia de Cascaes está para a sociedade elegante do paiz, como no tempo da imperatriz Eugenia foi Biarritz para a França, e é hoje S. Sebastian para a Hespanha.

É, como toda a gente sabe, uma pequena villoria, de ruas estreitas e mal calçadas, com velhas casas mal construidas, sem uma larga avenida arborisada, sem um jardim, sem um bom theatro, sem um bom café, com um *club* desguarnecido e pobre deitando sobre a bahia, com uma cidadella, que é paço da familia real, e tendo apenas, e distante, como elemento de civilisação e de fino gosto artistico, o lindo *cottage* da sr.ª Duqueza de Palmella. De resto, nada que a recommende pelo seu aspecto. Tem a mesma mendicidade de pequenos pescadores andrajosos, as mesmas tendas feias e fetidas, as mesmas lojas de barbeiro tresandando a bandolina, as mesmas hospedarias, as mesmas barracas de lôna na praia, os mesmos *omnibus* atravancando toda uma rua, emquanto se descarregam bahus do tejadilho, o mesmo cheiro nauseabundo, e até as mesmas moscas implacaveis e famintas, que se encontram na Povoa de Varzim, em Villa do Conde, em Ancora, em Buarcos, na Figueira, em todas as praias do norte, emfim!

Pois, apesar d'esses defeitos, é incontestavelmente a praia em que, n'esta epocha, se reunem as mais elegantes senhoras e os mais elegantes janotas do paiz!

Retirado do centro da villa, e no cimo da encosta erma, onde, até ás 2 horas da tarde, bate o sol produzindo uma temperatura de sertão africano, e onde, depois das 2 horas, sopra o vento frio, desabrido e aspero, está o *Sporting-club*, que, á noite, abre as suas salas para concertos e saraus.

Tem, porém, sido pouco concorrido este anno o *Sporting*. Dizem-nos que as senhoras da nossa aristocracia esperam a retirada de algumas familias estrangeiras, para concorrerem livremente ás *soirées*, sem serem obrigadas a augmentar o numero das suas relações Parece que entre as illustres descendentes dos grandes heroes lusitanos e as não menos illustres descendentes dos grandes heroes de Castella se estabeleceu um abysmo!

E porquê? Não se sabe!

E, todavia, parece que uma dama, em cujas veias palpite o sangue azul de Magriço, se não póde sentir vexada sentando-se, na sala d'um *club*, ao lado de outra dama, em cujas veias corra o sangue não menos azul de Cid — principalmente desde que esta ultima não metta indecentemente os dedos no nariz, não masque tabaco e não cheire a cebolla! Se, pelo contrario, se apresenta com a mesma elegancia de *toilettes*, com a mesma distincção de compostura, com as mesmas rendas, com as mesmas luvas, com os mesmos leques, com as mesmas perolas e exhalando dos seus vestidos o mesmo perfume delicado *d'iris*, que importa que essa dama descerre os seus finos labios para nos dizer animadamente: *muchas gracias!* em vez de brandamente nos dizer: *muito obrigada!!*

Nada de rivalidades! Formem-se os pares nas salas, e danse-se com animação, ainda que umas damas sejam convidadas para *a quadrilha* e outras para *el rigodon!*

E só póde justificar-se que as senhoras portuguezas se levantem iradas, e fujam espavoridas e tremulas, tapando prudentemente os olhos com os leques, se qualquer das estrangeiras se collocar um dia no meio da sala, e, sofraldando as saias e arqueando o collo, romper a dansar desenfreadamente o *can-can*, batendo com a ponta do pé no nariz dos circumstantes! Emquanto, porém, isto não succeder, parece-nos injustificada a ausencia das illustres damas portuguezas do club de Cascaes.

GRAZIEL.

A VOZ DO MAR

Poesia dedicada ao illustre e incomparavel artista Rey Colaço e recitada na noite de 23 d'Agosto de 1893, no theatro Principe D. Carlos, na Figueira da Foz.

Eu quando me demoro a vêr a eterna lucta
D'esse revolto mar, que se debate além,
Atirando, feroz, n'uma insolencia bruta,
A vaga que se arqueia, á rocha que a detem;

Pergunto muita vez, dominada, absorvida,
N'esse abysmo suspenso o meu ancioso olhar,
Que dirá essa voz, tão forte e desabrida,
Quando se eleva e cae, na praia, a soluçar?!

O que dirá o Oceano? Acaso nos confia
A historia mysteriosa e triste, dos que vão
Esconder-lhe no seio a intima agonia,
Entregar ao — gigante — o morto coração?

Quando de leve espuma innumeras toalhas
Desdobra — rugidos — na areia que as espera,
É para nos mostrar as lividas mortalhas
De quantos enguliu em plena primavera!

Ha quantos sec'los já se escuta aquelle cantico,
Elegia de dôr, de prantos infinitos,
Feita de temporaes, de guerras e naufragios,
De gemidos d'horror, de convulsões e gritos?

Sempre que o doira o sol sumindo-se no poente,
E o prateia o luar em frémitos de luz,
É feita de caricia a sua voz dolente,
— Como que um suspirar, que encanta e que seduz.

É traiçoeiro, então, o pelago profundo,
Esmeralda a fulgir, coberta de brilhantes,
Ostentando, talvez, as joias d'esse fundo,
Ganhas pela ambição de todos os instantes!

Então, n'um pesadelo enorme, apocalyptico,
Eu vejo desfilar a turba allucinada
Das victimas, sem fim, que saem do seu vertice,
Sacudindo, a fugir, a tunica gelada!

E vão de vaga em vaga, em correria louca,
Marcando sobre a espuma o caminhar veloz,
Soltando pelo espaço uma toada rouca
— A balada do mar, na sua eterna voz!

Figueira 23-8-93. AMELIA JANNY.

NO CAMPO

(Excerpto d'um livro inedito)

No dia seguinte, Alcina, logo que acordou e abriu os olhos, teve um grande susto. Ergueu-se rapidamente no leito, e ficou um instante indecisa, inconsciente, com o cotovello fincado no travesseiro, volvendo os olhos espantados por todo o quarto. Pouco a pouco, porém, a consciencia meio adormecida foi despertando, e a remeniscencia do dia anterior acudiu-lhe precisamente. Então, já tranquilla e até satisfeita, pulou abaixo da cama, e principiou a vestir-se á pressa. Sentia uma grande alegria em se achar n'um aposento novo. Era uma transformação agradavel na sua vida. Nunca sahira — pobre creança! — do seu pequenino quarto da rua de Santa Catharina. Assim que abriu a janella — façam ideia! — recuou deslumbrada, soltando um grito de surpreza! O sol, um tepido sol de primavera, entrou como uma onda d'oiro, invadindo todo o quarto. Fóra, na vibração ardente da luz, os campos e os montes apresentavam um aspecto encantador. Havia uma especie de nevoa doirada, como uma pulverisação da luz, atravez da qual a verdura das plantas tinha uns tons levemente esbatidos e desmaiados. Por toda a parte chilreavam alegres os passarinhos. Em cima, na vastidão azul do ceu, uma revoada de gaviões esvoaçava em grandes curvas rapidas, soltando guinchos agudos. De repente, um d'elles desviava-se, descia como uma setta, e vinha roçar as azas d'encontro aos vidros das janellas? Era uma festa por toda a parte! Quem lhe havia de resistir!?

Alcina sahiu do quarto logo que poude. Atravessou em bicos de pés o corredor, ao fundo do qual havia a porta que dava para a escada de pedra exterior. Correu para a quinta. Então, como era bonito o campo! Ella conhecia apenas umas rozeiras rachiticas, sempre cobertas de pó, tristes, atrophiadas no seu pequeno jardim da rua de Santa Catharina. E ali, os grandes sobreiros seculares, de largos troncos nodosos, esburacados, de braços retorcidos, de espessa folhagem muito verde, assombravam-n'a como valentes gigantes. Nos campos, o centeio chegava-lhe á cabeça. Sentiu um desejo enorme, uma tentação de se metter, perder, emmaranhar em meio d'aquella exhuberante fertilidade. Não resistiu. Apanhou a roda das saias; e, quasi estonteada, deu os primeiros passos hesitantes sobre a terra molle, com os olhos cerrados, a respiração suspensa, as mãosinhas á frente, apartando as espigas asperas, que lhe batiam na cara. Quando abriu os olhos, teve medo. Soltou um gritinho, como se se achasse perdida subitamente em meio d'uma grande floresta; e voltou para traz, com o coração aos pulos. Entrou em casa ainda a tremer, excitada d'aquella extranha commoção, e foi logo ter com a criada, contar-lhe o susto que o centeio lhe causou.

— Ora ter medo d'um campo! — dizia-lhe a Joaquina, a rir — E Jesus! que vergonha! Não! a Alcininha está uma medrica!

— E você não tem medo? — perguntou Alcina muito espantada.

— Nenhum — respondeu a Joaquina. E contou como quando era pequena, na terra, ella se rebolava sobre a herva dos campos, que era um regalo!

— Sósinha?

— Iamos muitas; e algumas vezes rapazes — explicou a criada. E accrescentou com saudade: — A gente na aldeia ainda se diverte bem mais do que na cidade.

Alcina, com os olhos fitos, os braços descahidos, ficou-se a pensar no prazer de se rebolar tambem sobre a verdura extensa d'um campo! Como seria bom, meu Deus! Rebolar-se sobre a herva tenra, muito fresca, rebolar-se, espojar-se, e, de repente, de barriga pára o ar, os braços abertos, abrir os olhos, e fixar o azul arqueado do ceu! E outras raparigas, como ella, do outro lado, aos gritos, a rebolarem-se tambem!

Ergueu a cabeça, e perguntou:

— Mas tambem rapazes?

FOLHETIM

O CASTELLO DE ALMOUROL

I

— Ai, Virgem Santissima! Não ganha a gente para sustos! Não bastava esta praga dos castelhanos, que vem ahi, dizem, um poder do mundo d'elles pelo Alemtejo abaixo?! Ó sr. Romão Pires, d onde elles estão aqui á nossa quinta é muito longe?

— Não é nada perto, não, sr.ª Brizida de Sousa! Mas lá diz o adagio: aos que muito correm quebram-se-lhes as pernas. . Socegue. O sr. conde de Villa Flôr anda com elles a contas e não é para graças.

— O sr. conde é muito bom senhor, bem sei, e de grande fama sempre ouvi dizer... Mas se elle ficasse mal agora?

— Ficavamos nós peior, isso e verdade... Melhor o hade fazer Deus. Oh, se meu senhor e amo fosse vivo!... Não estava eu aqui posto ao canto como um estafermo!...

— Ora não diga isso por quem é. O sr. Romão já andou demais por essas guerras e tragou bem maus bocados. Descanse, descanse, que o merece... O que seria de mim sósinha n'estes palacios confusos, sem pregar olho ha umas poucas de noites com medo... E que medo! Fantasmas e almas do outro mundo! Ó sr. Romão Pires, diga-me: o demonio — salva tal logar — terá poder de subverter comsigo no inferno corpo e alma uma creatura baptisada e remida nas santas aguas?

— Conforme! Se não estiver em estado de graça!...

— Credo! S. Braz e S. João! Meus ricos santos da minha alma, valei-me! Subvertida em corpo e alma?! Deus de misericordia!... Sabe que mais? Quero que me escreva já e já á sr.ª D. Magdalena, contando-lhe tudo isto. Ella não póde consentir que a sua criada velha uma noite d'estas desappareça nas garras do inimigo tentador do genero humano. Jesus!... Diga-lhe que nos venha livrar d'este inferno, senão .. eu cá por mim fujo! Primeiro a salvação da minha alma...

— Tambem eu não gosto nada d'isto, sr.ª Brizida. Mas animo forte e coração á larga. O demonio parece que entrou de semana comnosco, e, pelo que vejo, não leva geito de nos querer largar. Desde que viemos para esta quinta...

— Desde que viemos... diz muito bem! Olhe, Brizida de Sousa me não chamasse eu, se depois da primeira noite não mettesse um bom par de legoas entre o demonio e quem se présa de christã baptisada na freguezia de Santa Catharina de Lisboa, nascida de paes catholicos, tementes a Deus, e sem eiva, nem leiva de mau sangue!... Mas o amor, que tenho á minha menina, coitadinha, tudo me faz supportar com paciencia... Espere! Não ouviu bulha? Assim a modo de ferros arrastados pelo sobrado?

— Nada. Foi cadeira, ou banco deitado no chão lá em cima. De dia não é que elles fazem das suas...

— É verdade. Guardam-se para a noite. Que noites, que eternidade de noites, Senhor Deus de misericordia! Parece que nunca a

— Que duvida! Eram uns por aqui — respondeu a criada a rir — outros por ali, a pularem como saltões.

— E você que fazia! — insistiu Alcina com grande interesse.

— O mais que faziam as outras. Era encontrão de meia noite n'elles — dizia a Joaquina fazendo arremessos para os lados com os cotovellos, — e ao cabo ficavamos todos cançados e a suar em bica! Acabava tudo em risota.

Alcina, de repente, atirou-lhe os braços ao pescoço e supplicou-lhe:

— Logo ha de vir comigo, sim, Joaquina?

— Ai! vae! — gritou ella — e a mamã, se o sabe? Credo!

— Ella não se importa — assegurava Alcina, e fazendo boquinha: — Venha, venha, sim?

— Deus me livre! — respondia a criada, desviando-a de si, como se affastasse a tentação.

Alcina considerou um instante, com a cabecinha do indicador entre os labios. O desejo, á proporção que appareciam os obstaculos, ia avultando, crescendo, exercendo uma acção poderosa!

Com uma voz tremula de quem lembra um expediente criminoso, disse baixinho:

— Olha, a mamã até escusa de saber!

E ficou-se a olhar supplicante para a Joaquina, suspensa d'uma resolução:

Coitadinha! Então a criada, quasi vencida, respondeu seccamente:

— Pois sim, sim. Mas não diga nada. E, levantando o indicador em frente do nariz, recommendou: — Ouviu! Nem pio!

N'isto, Alcina lançou-lhe os braços aos hombros, e, d'um pulo, poisou-lhe na bocca um beijo muito longo de reconhecimento.

Depois, deitou a correr, para saber do pae.

Pobre doente! com o abalo da jornada, estava peior! Passára a noite sem dormir, a tossir sempre, e D. Angelica, de pé, ao lado, animava-o com grandes esperanças no ar puro e sadio da aldeia.

— Eu sempre embirrei com o campo — respondia elle, reclinando impaciente a cabeça no espaldar da cadeira.

— O' filho, verás como melhoras.

— Mas não é aqui. E virava-se para outro lado, dizendo: — A aldeia será muito boa para bois; ora eu, graças a Deus, não sou boi.

Pela madrugada diminuiu a tosse, os nervos acalmaram; e o doente, prostrado da insomnia, logrou dormir um pouco.

JORGE DE MENDANHA.

CONSELHOS E RECEITAS DE D. CLARA

OS TECIDOS

Na fabricação dos tecidos concorrem duas especies de materias, uma vegetal, outra animal, tendo cada uma o seu papel bem determinado.

Todos sabem por experiencia que os vestidos leves, por consequencia os menos quentes, proveem dos tecidos fabricados com o canhamo e o linho, dois productos vegetaes; que os vestidos quentes, taes como o panno, as flanellas, os merinos, a seda, derivam de materias animaes, que não são outra cousa senão a lã dos animaes, taes como o carneiro, a cabra, o castor, ou a secreção dos bichos da seda etc., etc.; que estas lãs ou esta seda, fiadas e tecidas, produzem os estofos que servem para confeccionar as camisollas de flanella, os vestuarios dos homens, os vestidos das mulheres, as saias, as ceroulas, as meias, etc., etc. Mas, o que nem toda a gente talvez saiba, é que a base fundamental do panno, é a lã, que todos os estofos de lã, como a *castorina*, a *alpaca*, a *cachemira*, o *merino* não são outra cousa senão pannos, divergindo uns dos outros apenas no modo do seu fabrico.

A propriedade hygienica do panno é manter o calor do corpo, por não ser conductor do calorico e deixar-se facilmente penetrar pelo ar exterior, o qual, alojando-se nos intervallos formados pelas suas malhas, oppõe uma barreira impraticavel ao calor interior.

---

gente lhes vê o fim. E que me diz então a estas despedidas de maio e entradas de junho?!...

— Não são de convidar, sr.ª Brizida! Velho sou, mas não me lembro de anno mais carrancudo. Chuvas, relampagos, trovões e ventanias que levam tudo pelos ares! Safa!

— E nós, coitados, n'este ermo, n'este desterro! Ai minha Senhora Santa Barbara! se a tua serva e devota não deixa aqui os ossos, grande milagre será. Escute!.. Agora não foi engano!... Não ouviu risadas lá em cima no vão das casas?

— Não é nada. São os rapazes do feitor jogando as escondidas.

— Pois, sr. Romão Pires, affirmo-lhe por minha alma, que em Lisboa, quando minha senhora D. Magdalena me chamou e me disse: «Brizida, a sua menina anda fraquinha e enfezada, e o irmão tambem, os phisicos não acertam com o remedio, e fr. João entende que estas tosses do peito, assim teimosas, não se despegam senão com mudança de ares. Bem sabe, não posso sair da cidade por estes dias mais chegados — e é assim, coitada, por causa da sua demanda — acompanhe-me os meninos, e conte que fico tão socegada como se eu mesma fosse...» Quando me disse isto, e eu lhe beijei as mãos pela mercê, se podesse adivinhar o que nos esperava aqui, asseguro-lhe que me encolhia como a tartaruga na concha; e viesse quem quizesse... Isto não é palacio, nem quinta, é um verdadeiro inferno! Deus salve a minha alma!

— A sr.ª Brizida não diz o que sente. Vindo a sr.ª D. Maria e o sr. D. Pedro, ninguem a arrancava de ao pé d'elles.

— Tem razão. Ninguem! A ella creei-a, mamou o meu leite, e sua mãe não lhe quer mais, não, deixe-me ter esta presumpção... A elle vi-o nascer, e os primeiros braços, que o embalaram, foram estes que hade comer a terra. Tão pequeninos os conheci, e tão formosos e crescidos os vejo agora, que não me posso costumar a crer, que um dia hei de ter o gosto de os abraçar homens!... Quando me ponho a olhar para elles, parece-me ás vezes que não póde ser, e que tudo isto é sonho...

— Então!? Elles fazem-se homens, e nós fazemo-nos velhos. Não ha remedio. O mundo vae assim.

— Bem sei. Mas, não os acha muito delgados, muito afinadinhos? Dizem que é da edade e do muito crescer, e que hão de encorpar depois. Deus queira! São os negregados estudos, que me ralam o corpo e a alegria dos meus meninos. A sr.ª D. Maria manhãs e tardes inteiras á almofada, bordando de branco, de matiz, e a ouro. E com que perfeição!... Que dedinhos de fada aquelles! E o sr. D. Pedro? É mesmo uma dôr de alma vel-o dia e noite amarrado á banca dos livros, e que livros! Latins, gregos, e não sei que outras trapalhadas de *retroricas*... Quem tem a culpa de tudo, o culpado de tudo o que póde acontecer, é o teimoso do sr. fr. João, que á fina força quer o sobrinho sabio. Depois que falleceu o pae, (Deus o tenha em gloria!) não se nos tira de casa, e tanto ha de quebrar-me a cabeça ao meu menino, que um dia treslê. Pois olhe, sr. Romão Pires, vá com o que lhe diz umu ruim cabeça: mais vale asno vivo, que doutor morto.

— O sr. fr. João, atalhou Romão Pires, aproveitando uma pausa da sr.ª Brizida, é muito bom tio, e desde que morreu meu senhor e amo tem sido um segundo pae para os meninos. Quer os sobrinhos prendados e de grandes merecimentos. Não lh'o levemos a mal. Sangue illustre e bens da fortuna possuem elles...

— Por isso mesmo! Não precisava atanazarmos tanto! Não m'os

CARACTERES FEMININOS

A VOLUNTARIOSA

Tem um andar pausado e lento de procissão, o nariz aquilino e redondo na extremidade, os labios cerrados e direitos, a barba saliente. A calligraphia é direita, firme e egual, e as lettras são geralmente redondas.

A voluntariosa vive inteiramente de si mesma. Fala pouco, e os seus actos obedecem sempre ás suas proprias ideias, indifferente sempre ao effeito que esses actos possam produzir nos outros.

O seu principal defeito é o orgulho, e este despotismo é sempre nocivo ás pessoas que vivem na sua companhia. Para a mulher voluntariosa, o prazer deriva unicamente da satisfação dos seus desejos e da inveja que possa causar ás suas rivaes, tudo isto temperado com uma certa generosidade, exercida d'uma maneira caprichosa. As suas artes preferidas são a esculptura, a architectura, etc., etc., isto é, as que se exercem sobre a fórma.

As affeições são sempre despoticas e o exito d'um affecto depende sobretudo da obediencia do namorado a todos os seus caprichos e a todas as suas phantasias.

Tem pouca ordem no quarto, mas muita nas gavetas. Póde governar admiravelmente a casa, e faz-se obedecer sem replica.

A memoria é prodigiosa, mas a assimilação é lenta. A intelligencia é vasta, mas muito attreita ás ideias preconcebidas. A vontade predomina, com detrimento das outras faculdades, principalmente da imaginação A sensibilidade é pouco desenvolvida.

Anniversarios da semana

Domingo 10 — As sr.as: Marqueza das Minas, D. Maria Margarida de Mello Sampaio (Pombeiro), D. Carolina Augusta Pereira d'Eça Albuquerque, D. Palmira Ferreira Waddington, D. Eugenia Perestrello, D. Maria Luiza de Moraes Sarmento, D. Maria Luiza de Sousa.

E os srs.: Conselheiro Antonio Maria Pereira Carrilho, Antonio Maria Pereira Carvalho, Paulo Benjamim Ferreira, Luiz Carlos Pereira Seabra, Luiz Carlos Pereira Pegado, Manuel Francisco de Sousa Netto.

Segunda-feira 11 — As sr.as: Baroneza de Palma, D. Maria do Carmo Ferreira de Lacerda de Aguiar Menezes (Altas Moras), D Maria Guilhermina da Veiga Teixeira (Casaes do Douro), D. Maria Guilhermina d'Almada Portocarrero, D. Maria Emilia Seabra de Castro, D. Luiza Zea Bermudez, D. Maria José Dantas de Oliveira.

E os srs.: D. Antonio Maria de Lencastre (Louzã), D. Pedro d'Ornellas Bruges Brito do Rio, Rodrigo Monteiro Nobre Mourão (Bovieiro), Carlos Augusto Lumiares Bettencourt.

Terça-feira 12 — As sr.as: D. Maria da Piedade Lopes Vieira, D. Josephina Adelaide Guedes Gavicho, D. Leopoldina Amelia Rebello, D. Izabel Maria de Lacerda Castello Branco, D. Maria José d'Almeida Napoles, D. Marianna de Mascarenhas, D. Magdalena Adelaide Guedes Gavicho.

E os srs.: Conde de Aljezur, Fernando d'Ornellas Frazão (Calçada), Rodolpho Arthur de Sousa Canavarro, Manuel Francisco de Sousa Netto.

Quarta-feira 13 — As sr.as: D. Maria da Piedade Pinheiro Chagas, D. Maria Thereza Guedes, D. Sophia Amelia Josephina Ferreira Pestana, D. Maria Izabel de Moura Coutinho, D. Palmira da Piedade Gomes da Silva, D. Luiza Candida de Sousa Patricio Alvares.

E os srs.: Bispo de Bethsaida, D. Antonio de Gouveia, Eduardo Teixeira de Sampaio, Jorge Shore, Tristão Perestrello da Camara, João Norton, Augusto Frederico Posth da Costa Carvalho Talone, José Joaquim d'Almeida Moura Coutinho.

Quinta-feira 14 — As sr.as: D. Maria Angelina de Sousa Pereira e Menezes (Bertiandos) D. Maria do Carmo Pereira Coutinho e Sousa (Soydos), D. Thereza Guedes da Silva da Fonseca, D. Maria Luiza da Gloria Rodrigues Alves da Costa Freire, D. Maria Antonia Mazzioti de Freitas.

E os srs.: Par do reino Manuel Antonio de Seixas, Joaquim de Sousa Alves Guimarães (Bolhão), Francisco de Carvalho Daun e Lorena, Alfredo Augusto José d'Albuquerque, Henrique Nuno de Sousa, José Gabriel Holbech Junior.

Sexta-feira 15 — As sr.as: D. Barbara Tavares Proença, D. Etelvina Augusta da Costa Lacueva, D. Maria Amalia Sampaio de Mello e Castro, D. Maria José Maldonado Pessanha, D. Maria Augusta Eça de Chaby, D. Maria do Castello Pereira Lucena Alves do Rio, D. Adelaide Simões d'Almeida, D. Gertrudes Angelica Lima da Camara, D. Maria Amalia Nunes Junior, D. Adelaide Custance O'Neill, D. Maria Luiza da Gloria Alves da Costa Freire.

E os srs.: Conde da Esperança, Conde da Boa Morte, Conde de Valenças, Visconde de Ferrocinto, José Gayo da Camara (Botelho), Guerra Junqueiro, Alfredo Talone da Costa e Silva, Hermano de Arbués Moreira, Julio Cesar da Costa Macedo.

---

deixa respirar. Mestres d'isto, mestres d'aquillo, musica para aqui, dansa para acolá... latins, *pholosophias*, ai, que barafunda! Nem eu sei como as pobres creanças não teem endoudecido. Cá por mim já o miolo ha muito tempo me tinha dado volta, tão certo como chamar-me eu Brizida de Sousa.

— Ninguem aprende sem trabalho. O sr. fr. João não é nenhum nescio...

— Nem eu lh'o chamo. Deus me livre. Nescio?... No convento e na côrte dizem que não ha outro doutor como elle.

— Pois então deixe o, que bem sabe o que faz. Estes sobrinhos são a luz dos seus olhos, e depois tão meigos, tão applicados...

— De mais, de mais, para a edade, sr. Romão Pires. Assustam-me. Não parecem d'este mundo, nem d'este seculo. O sr. fr. João é muito extremoso, e o que faz é por desejar o seu bem d'elles, mas, graças a Deus, a casa é rica e não era preciso amofinar-me tanto os meus meninos...

O dialogo de que acabamos de ser fieis e escrupulosos expositores, era travado em uma antiga sala, vasta e pouco allumiada por estreitas janellas, cujas vidraças de postigo mal deixavam coar o dia. Das paredes em reboco pendiam farrapos soltos dos pannos, que as tinham forrado. Em outras partes as colgaduras adheriam ainda aos filetes, e representavam em suas pinturas desvanecidas figuras descommunaes, debaixo de arvores anãs, e no meio de arbustos e flores monstruosas. Os tectos, cujas vigas lavradas inculcavam a paciencia de um artifice do XV seculo, subiam a grande altura, ennegrecidos pelo fumo da immensa chaminé de pedra, ornada de leões de marmore nas bases, e rematada com um brazão de relevo alto, orlado de ramos de silvas e amoras.

O sr. Romão Pires, escudeiro de quasi setenta annos de edade, enxuto de carnes, e amarello como uma cidra, erguia-se direito e aprumado como uma das faias mais direitas da quinta. Nascêra e fôra creado desde a infancia n'aquella casa, e não conhecera nunca outros amos senão D. Vasco, e D. Magdalena. Acompanhára seu senhor, assim lhe chamou sempre, em todas as campanhas da guerra da restauração, pelejando esforçadamente ao lado d'elle, e assistindo aos cercos e batalhas mais notaveis desde 1642. A historia dos perigos, em que se tinha achado, e a narração das proezas de seu amo, enfeitada de episodios e commentarios, serviam de saboroso pasto aos serões da familia, obrigada a engulir como artigos de fé todas as aventuras da nova «Tavola Redonda,» que a imaginação do escudeiro entretecia na tela interminavel de sua cansativa Illiada.

A sr.ª Brizida de Sousa, que tão avexada ouvimos queixar-se das apparições, era matrona de mais de cincoenta annos. Baixa, roliça e risonha, suas faces lisas, cheias e coradas ainda tinham a frescura de duas maçans rainetas. As feições, pouco accentuadas, e quasi infantis, sumiam-se entre as roscas das nedias bochechas, e os seus ares beatos brigavam na candura affectada com uma larga experiencia da vida. Toda aquella pequena e buliçosa matrona respirava aceio, cuidado, devoção, e azafama. Collaça de D. Magdalena, e casada com um dos caseiros mais abastados do morgado, depois ama de leite da filha primogenita da casa, enviuvára sem filhos, nem saudades do estado, resumindo todos os affectos nos seus extremos pela fidalga, e na idolatria das duas creanças, que trazia sempre na boca e no coração.

(Continúa).

REBELLO DA SILVA.

Sabbado 16 — As sr.as: D. Josephina Braklamy, D. Claudina Abranches Coelho Moura, D. Maria Luiza Roma de Andrade, D. Anna Borges Pacheco Pereira, D. Marianna Craveiro Lopes d'Oliveira, D. Maria da Gloria Galvão Teixeira, D. Carolina Amelia Coelho de Castro.

E os srs.: Conde de Vinhaes, D. Bernardo da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitella), D. Luiz João Affonso de Lencastre (Louzã), Carlos de Lencastre Schwalbach, Antonio Teixeira Judice da Costa, Caetano Mazziotti, Antonio Vellez Caldeira, Gaspar Lobo de Sousa Machado.

EPHEMERIDES SEMANAES

3 — Sua Magestade El-Rei, acompanhado do sr. Duval Telles e mais officiaes da sua casa militar, regressa de Vendas Novas.

4 — Inauguração do busto de Antonio Augusto de Aguiar nos jardins do Museu Industrial, em Belem.

— Partida para Macau dos officiaes de artilharia que ali vão tomar commando da nova companhia ultimamente criada.

5 — Realisa-se em Odivellas e arredores o primeiro exercicio das manobras chamadas do outomno.

6 — Parte para Cabo Verde o novo governador sr. Fernando de Magalhães.

— Partida do sr. ministro da justiça, sr. conselheiro Antonio de Azevedo Castello Branco para Villa Real de Traz-os-Montes.

7 — Recebem-se noticias da sublevação da marinha brazileira, no Rio de Janeiro.

9 — Visita de Suas Magestades El-Rei e a Rainha D. Amelia ao couraçado russo *Nicolau I*.

José das Kalendas.

THEATROS E CIRCOS

O terrivel cyclone que passou nos Açores, causando tantos damnos e fazendo tantas victimas, veio tambem sacudir Lisboa da medonha apathia em que se achava. Projectam-se touradas, *kermesses* e bazares a que, por uma abusiva profanação, se chamam festas de caridade. Ora a caridade não precisa de festas. E' a virtude que se exerce no mais absoluto recato, com a mais sympathica modestia, e tanto ás occultas, que — segundo o preceito evangelico — deve a esmola ser dada com a mão direita sem que o saiba a mão esquerda. Visto, porém, que, n'este luctar incessante de cada um pela propria existencia, as desgraças alheias apenas commovem as almas dos ricos sem os levar a expontaneamente abrir as bolsas, muito bem procedeu a commissão da imprensa, preparando esses divertimentos e attractivos, para n'elles colher o resultado que seja benefico ás victimas da catastrophe.

A *kermesse* deve realisar-se no passeio da Estrella. Uma vistosa illuminação, uma boa orchestra, uma elegante e pittoresca disposição das barracas, deve attrahir áquelle jardim grande concorrencia, se as noites se conservarem serenas como até hoje.

A corrida de touros na Praça do Campo Pequeno tambem deve ser uma linda festa. E' de esperar que os nossos fidalgos amadores, cuja presença tanto brilho e realce dão á praça, se offereçam para entrar na corrida, concorrendo assim para o bom exito. Nunca a imprensa regateou o seu concurso nas festas que se têem realisado em Lisboa, nunca deixou de elogiar a dextreza, a elegancia e a galhardia dos amadores que têem entrado nas praças de touros, é, pois, naturalissimo que, d'esta vez, esses mesmos que encontraram sempre nos jornaes um bom auxiliar, acudam agora, promptificando-se a abrilhantar a projectada corrida.

Estamos inteiramente convencidos de que as festas promovidas pela imprensa de Lisboa serão coroadas do melhor exito. Sua Magestade a Rainha já hontem recebeu e ouviu a commissão promotora. E a augusta e affectuosa soberana, que em todas as calamidades do paiz acode sempre sollicita a soccorrer os infelizes, não deixará de accudir mais uma vez, attrahindo em volta de si, com o prestigio da sua hierarchia e com o encanto da sua bondade, todos os elementos indispensaveis para que as festas produzam o resultado que se deseja.

Teremos, pois, e em breves dias, algumas festas e espectaculos dignos de uma referencia especial na nossa chronica dos theatros.

*
* *

É no dia 15 que reabrem os theatros do Gymnasio e da Trindade com a *reprise* no primeiro da engraçada comedia de Eduardo Schwalbach *Anastacia & C.ª* e da operetta o *Brazileiro Pancracio*, no segundo.

Apesar de serem peças já conhecidas da epocha theatral passada, é natural que as duas casas de espectaculo se encham. Ha cerca de um mez que, á excepção do theatro da Avenida, onde tem continuado a magica o *Cofre dos Encantos*, se acha Lisboa sem theatro.

Não succedia isto ha muito tempo. Nas epochas passadas, os circos escripturavam sempre qualquer companhia hespanhola de zarzuella. Era ali que affluia toda a gente que, durante os mezes de verão, se conserva na capital. Este anno, porém, apenas a companhia de operetta italiana partiu para Vigo, e o Real Colyseu fechou as portas, ficaram os habitantes reduzidos a passar a noite na Avenida, assistindo ali ao desfilar monotono dos passeiantes, n'aquella tristonha obscuridade produzida pela folhagem das arvores, por entre a qual o conspicuo municipio entendeu dever collocar os globos da luz electrica — tudo para brilho, animação e alegria do passeio!

No theatro da rua dos Condes a companhia de amadores cantou hontem o *Giroflé-Girofla*.

*

Praça de touros

Segunda tourada nocturna na quinta-feira e segundo *fiasco!* Decididamente os bois não se prestam á lide n'aquellas horas em que costumam dormir tranquillamente nos curraes. A illuminação da praça teve apenas uma ligeira hesitação no começo do espectaculo, mas manteve-se depois serena o resto da noite. Os artistas eram de nomeada; mas, por maiores esforços que empregaram, não conseguiram que os bois se prestassem ás sortes.

O publico não sahiu satisfeito com o espectaculo, e muita gente resolveu não voltar ás corridas nocturnas.

Apezar d'isso, temos hoje nova tourada ás 8 horas e meia da noite, em que toma parte o arrojado espada *Faico*. A empreza declara que é a ultima da epocha. Só se fôr este facto que attrae-a gente. A não ser isso, os artistas vêr-se-hiam talvez reduzidos a trabalhar para as bancadas e camarotes vasios.

SPECTATOR.

Typ. Christovão — R. de S. Paulo, 60 e 62.

JERONYMO MARTINS & F.º

13, RUA GARRETT, 15

CHAMPAGNE-POMMERY

ESPECIALIDADES:

QUEIJOS CAMEMBERT E ROQUEFORT

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio.** **A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1